



Narrativas Midiáticas Contemporâneas em Disputa

Teorias e Práticas

Diogo Azoubel
Luiz Henrique Zart
Marta Maia
Vânia Torres Costa

Organizadores

**NARRATIVAS MUDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS EM DISPUTA:
TEORIAS E PRÁTICAS**



Comunicação, Jornalismo & Educação

DIRETOR DA SÉRIE

Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças Porto Junior

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil

COMITÊ EDITORIAL E CIENTÍFICO

Prof. Dr. João Nunes da Silva

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil

Prof. Dr. Luis Carlos Martins de Almeida Mota

Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes

UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva

Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

Prof. Dr. Rogério Christofoletti

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Prof. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

Universidade de Caxias do Sul:Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Profa. Dra. Thais de Mendonça Jorge

Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Profa. Dra. Verônica Dantas Menezes

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil

Prof. Dr. Fagno da Silva Soares

CLIO & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesq. em História Oral e Memória
Instituto Federal do Maranhão (IFMA)

Dr. Luís Francisco Munaro

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Dr. José Manuel Peláez

Universidade do Minho, Portugal

Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes

Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional do
Ministério Público do Tocantins, CESAF/MPTO

NARRATIVAS MUDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS EM DISPUTA

TEORIAS E PRÁTICAS

Organizadores

Diogo Azoubel

Luiz Henrique Zart

Marta R. Maia

Vânia Torres Costa



Diagramação: Marcelo Alves

Capa: Gabrielle do Carmo; Luiz Henrique Zart

Revisão: Luiz Henrique Zart



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N234 Narrativas midiáticas contemporâneas em disputa: teorias e práticas [recurso eletrônico] / Diogo Azoubel, Luiz Henrique Zart, Marta R. Maia e Vânia Torres Costa (orgs.). – Cachoeirinha : Fi, 2025.

592p.

ISBN 978-65-5272-204-1

DOI 10.22350/9786552722041

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Comunicação social – Jornalismo – Mídia. I. Azoubel, Diogo. II. Zart, Luiz Henrique. III. Maia, Marta R. IV. Costa, Vânia Torres.

CDU 316.774

SUMÁRIO

Prefácio 9

Quando a sementinha se torna mundo

Mateus Yuri Passos

Apresentação 15

Diogo Azoubel

Luiz Henrique Zart

Marta R. Maia

Vânia Torres Costa

SEÇÃO I: FUNDAMENTOS ÉTICOS, MEMÓRIA E A NARRATIVA DA ALTERIDADE

1 19

Hermenêutica narrativa da alteridade: entre o cuidado e o medo

Alda Cristina Costa

Jússia Carvalho da Silva Ventura

2 45

O Projeto *Cartas para o Amanhã*, “vigilância comemorativa” e Lélia Gonzalez: relações dialógicas e o grande tempo

Dione O. Moura

Richardson K. A. de Aguiar

3 69

A dialogia como estratégia de produção narrativa midiática de jornalistas e documentaristas

Mara Ferreira Rovida

Thifani Postali

4 87

Memória em disputa: narrativas jornalísticas uma década após o rompimento da Barragem de Fundão

Marta R. Maia

Amanda de Paula Almeida

Hariane Santos Alves

5 109

Diálogos imagéticos da alteridade: o imaginário sobre as vivências Yanomami na *Sumaúma*

Suianne Souza

Nicoli Tassis

João Damasio

SEÇÃO II: GÊNERO, CORPO E LUTAS INTERSECCIONAIS NAS NARRATIVAS

- 6** **137**
A violência interseccional no noticiário televisivo brasileiro e as narrativas da invisibilidade
Larissa Caldeira de Fraga
- 7** **159**
“Eu criei o meu padrão!”: um estudo sobre as narrativas em primeira pessoa de pessoas LGBTQIA+ com deficiência no Instagram
Carolina Dantas de Figueiredo
Gabriel Carlos da Silva Carneiro Maranhão
- 8** **185**
Ficcionalização do crime em *Mulheres Assassinas*: breve crítica à narrativa de Ullisses Campbell
Diogo Azoubel
- 9** **213**
Quem elas biografam? Mulheres jornalistas e suas personagens no Brasil (1990-2020)
Felipe Adam
Monica Martinez
- 10** **237**
Gilead em vozes e memórias femininas: a disrupção narrativa em *O Conto da Aia*
Érica R. Gonçalves

SEÇÃO III: JORNALISMO, TERRITÓRIO E RECONFIGURAÇÕES DO SISTEMA MIDIÁTICO

- 11** **263**
Sobre midiaticização, narrativas dissonantes, sentidos & reconfigurações sistêmicas
Demétrio de Azeredo Soster
- 12** **283**
A experimentação de *Rádio Sumáuma* na Amazônia: alteridade, testemunho e narrativas jornalísticas
Júlia de Souza Fonseca
- 13** **307**
***Mad Maria*: narrativas e disputas de sentido sobre a Amazônia**
Vânia Maria Torres Costa
Paulo Jorge Martins Nunes

14 **333**
Imigrantes e imaginários: narrativa, subjetividade e jornalismo humanizado do romance-reportagem ao jornalismo online

Eduardo Ritter

15 **357**
A Nossa Visão e a narrativa editorial da Gazeta do Povo

Romer Mottinha Santos

Doacir Gonçalves de Quadros

SEÇÃO IV: GÊNEROS HÍBRIDOS E SUPORTES DE COMUNICAÇÃO NÃO CONVENCIONAIS

16 **379**
Do antigo ao porvir: estratégias narrativas de Moacyr Scliar, à luz de Friedrich Schlegel

Maurício Guilherme Silva Jr.

17 **401**
Entre o storytelling e o storyselling: o deslizamento dos memes e os sentidos na publicidade contemporânea

Flávia Mayer dos Santos Souza

Letícia Trindade Souza

18 **427**
Entre a imagem e a palavra: o cartão-postal como dispositivo narrativo e afetivo na contemporaneidade

Rodolfo Silva Marques

Luiz LZ Cezar Silva dos Santos

SEÇÃO V: METODOLOGIAS DE ANÁLISE E A ESTRUTURA DA NARRATIVA

19 **447**
Entre os atalhos e os buracos do gramado: para a construção de um percurso metodológico de análises conteúdo-narrativas sobre futebol

Luiz Henrique Zart

20 **473**
Perfil qualificado: uma forma aprofundada de construir o “outro” no jornalismo

Stéfani Fontanive

Thaís Helena Furtado

21

497

A performatividade das imagens na disputa pelas memórias: o ativismo feminista pelo aborto legal

Angie Biondi

Rita Maria Radl-Philipp

22

519

O uso de *pathosformeln* do luto no fotojornalismo de guerra: análise da fotografia *Yana and Victor*

Anna Clara do Carmo Murça

…(À GUISA DE) POSFÁCIO…

Renami à contraluz: (meta)narrativa em disputa, alteridades, territórios, metodologias **543**

Diogo Azoubel

Organizadores e organizadoras **579**

Autores e autoras **581**

2

O PROJETO CARTAS PARA O AMANHÃ, “VIGILÂNCIA COMEMORATIVA” E LÉLIA GONZALEZ: RELAÇÕES DIALÓGICAS E O GRANDE TEMPO

Dione O. Moura
Richardson K. A. de Aguiar

Introdução

Propomos aqui a carta enquanto uma narrativa de viagem no tempo e no espaço: sai de um momento e espaço (do remetente/enunciador) e desloca-se para outro momento futuro e espacialidade (do destinatário/interlocutor). E o faremos desde o marco do Círculo Bakhtiniano de que as obras literárias estão mergulhadas no grande tempo: “uma obra não pode viver nos séculos posteriores se não se impregnou de alguma maneira dos séculos anteriores” (Bakhtin, 1982 *apud* Machado, 1998, p. 35).

Delanoy (2021) define que a perspectiva bakhtiniana do grande tempo permite que as obras como que se apresentem renovadas ao passo que os leitores atribuem novos sentidos no decorrer do tempo. E essa dinâmica de que as obras, inclusive do gênero epistolar, adquirem novos sentidos ao mergulharem no grande tempo é uma dimensão fundamental para o presente estudo, pois a proposta dessa experiência empírica é exatamente em torno do marcante encontro de cartas escritas majoritariamente por universitárias da Universidade de Brasília (UnB) para destinatárias potenciais futuras estudantes negras, indígenas, quilombolas e africanas da universidade (o que constitui o Grupo 1 de cartas) e respondidas, com o intervalo de mais de dois ou três anos, por estudantes do Ensino Médio (Grupo 2, cartas resposta). Dessa

forma, por meio dessa experiência empírica, as cartas do Grupo 1 chegaram efetivamente ao destino e foram respondidas pelas estudantes de Ensino Médio da Escola 804 do Recanto das Emas, Distrito Federal, DF, autoras do Grupo 2 de cartas.

As cartas têm sido observadas como narrativa e como discurso, dentre outras abordagens. A perspectiva que adotaremos aqui neste estudo apoia-se na mesma como ideologia do cotidiano, como proposto por Bakhtin (1992). Aqui propomos percebê-la como produção individual que é; contudo, por outro lado, ela pode ser vista mergulhada no grande tempo (Machado, 1998). A carta como um espaço de relação dialógica (Bakhtin, 1992), na qual, por causa do *parti pris* da dialogia, entende-se que o/a enunciator/missivista durante mesmo a produção da carta dialoga com o/a destinatário(a). Assim, na perspectiva do Círculo Bakhtiniano, comporia a ideologia do cotidiano, assim como as palavras que utilizamos para o cumprimento diário, para interagir, em recados/bilhetes, etc. A ideologia do cotidiano, por sua vez, relaciona-se com as esferas, como as esferas sociais.

Para o Círculo Bakhtiniano, o dialogismo significa assumir que a linguagem ocorre sim em uma relação dialógica na qual o discurso pressupõe o outro (o/a destinatário/a do discurso):

A relação do sujeito com o *outro* é mais do que usar palavras alheias, dar-lhe resposta ou assumir atitudes responsivas, como talvez pareça à primeira vista. Na verdade, tal relação é visceral. O outro integra o eu, o falante, o sujeito, **o carteador** (Francisco, 2015, p. 168, grifo nosso).

Apresentando um estudo interdiscursivo bakhtiniano sobre a escrita epistolar, Cunha (2024) define que redação de cartas

revela-se, por si só, um diálogo com um outro que, mesmo não sendo real e imediato, interage de forma assíncrona e se presume pela abordagem temática e estilística assumida pelo remetente/enunciador. Assim a carta,

por meio de recursos linguísticos e discursivos, independentemente de sua temática, referencia seus coenunciadores, seu tempo e seu espaço (Cunha, 2024, p. 251).

O gênero epistolar, pois, recorre tanto ao poético quanto ao não poético, e até, talvez por isso, tão potente em significados, como exposto a seguir:

O próprio caráter espontâneo e fragmentário, a alternância da linguagem poética e não-poética, os clichês, tudo isso é inerente ao gênero epistolar. A passagem da simples comunicação não-literária para a linguagem literária e vice-versa, confere à carta um aspecto particular, misto de **documento informativo e texto literário** (Angelides, 2001, p. 23-24, grifos nossos).

Propomos, por fim, uma abordagem bakhtiniana (Bakhtin, 2016) da relação dialógica como uma relação intrínseca à linguagem. Dialogismo esse que pressupõe “relações de sentidos entre os sujeitos da enunciação (o locutor e seu(s) interlocutor(es))” (Bortolini; Valério, 2021, p. 45).

As Cartas do Grupo 1 acentuavam o papel de pertencimento e inclusão e o papel de luta histórica para que mulheres negras e indígenas viessem para a universidade:

- *“Enquanto mulher negra/indígena, sua presença na universidade é resultado da luta de muitas que vieram antes de você, antes de mim”* (Carta de Sandra Silva)¹;
- *“Quem nos trouxe aqui foi Lélia González, ela respinga no que falo [...]”* (Carta de Beatriz Castro);
- *Me inspiro em Lélia Gonzalez para lhe escrever, querido leitor* (Carta de Maria Vidal);
- *“Participar deste projeto Cartas para o Amanhã, foi uma tentativa de trazer alguma contribuição para esse trabalho de rememora as obras e as palavras de Lélia Gonzalez e também construir esse espaço de acolhimento para as futuras alunas da UnB. A construção do blog, do Instagram e outras redes de divulgação do projeto foi*

¹ Alguns nomes seguem com sobrenomes, outros apenas com o primeiro nome, a depender de como a pessoa remetente assinou a carta. Isso aplica-se tanto ao Grupo 1 quanto ao Grupo 2 de cartas. O Projeto Cartas para o Amanhã não acolhe cartas anônimas. Todas cartas precisam ter autoria identificada, ainda que seja somente pelo primeiro nome, a escolha da pessoa remetente.

uma colaboração entre diversos alunos, como eu, que passaram por aqui e deixaram um pouquinho de si” (Carta de Sabrina Ferreira);

- *“A nossa universidade foi a pioneira a aderir o sistema de cotas, com ele eu tive a oportunidade de viver 5 anos intensos. E que você também viva seus melhores anos aí, ocupe cada espaço e, parafraseando Lélia Gonzalez, que foi quem nos trouxe até aqui, vá à luta e garanta os nossos espaços que, evidentemente, nunca nos foram concedidos” (Carta de Iara Santos);*
- *Ter proximidade com a autora e com os colaboradores deste projeto [Cartas para o Amanhã] sem um momento pandêmico, tem sido revigorante e fortalecedor. Me fez resgatar minhas ancestralidades e lembrar que, como mulher negra dentro de uma universidade pública, tenho um papel fundamental no processo de mudança (Carta de Fran Marinho);*
- *“No espelho, via, enfim, uma mulher negra amefricana, amada por si e pelos seus, que encontrou no turbante a coroa perdida para a alopecia areata e para o racismo” (Carta de Mãe de Odara);*
- *“Eu espero que esse amanhã esteja inspirado pelo que foi plantado aqui, pelo que foi conquistado, pelas experiências, vivências, afetos e pelo suor, a partir dessa coletividade. E espero que essas cartas, de importância sem igual no movimento de mulheres negras, possam ser um elemento continuado que se torna, cada vez mais, um símbolo de mudança e cumplicidade.” (Carta de Mariana Abuchain);*
- *“Querendo ou não, atuamos todos os dias na construção da vida coletiva, seja por ação ou por omissão. Graças às pessoas que atuaram nessas lutas, hoje vemos muitas jovens negras e indígenas na universidade (talvez, entre elas, estejam suas bisavós), o que não se via quando eu era estudante há algumas décadas atrás” (Carta de Eduardo);*
- *“O projeto [Cartas para o Amanhã], que tem como objetivo central criar essa rede de apoio para estudantes negras e indígenas, tendo sempre como norte os ensinamentos de Lélia, me incentivou a buscar aprender cada dia mais sobre essa autora tão essencial e várias outras que fui descobrindo ao longo do caminho” (Carta de Fernanda);*
- *“Lhe convidar a compartilhar um pouco e a plantar sementes. E muitas dessas sementes você pode colher por aqui: navegue e desbrave o portal Cartas ao Amanhã, mergulhe, envolva-se, inspire-se com o legado semeado por Lélia e tantas mulheres desta imensa América Ladina”(Carta de Luiza Rossi);*
- *“Quanto mais conhecia a academia, mais sentia que ela era distante da minha realidade, e comecei a sentir dificuldade de interagir com minha própria família, por*

perceber que os universos eram muito diferentes, mas Lélia mostrou que era possível.” (Carta de Luana Gonçalves Silveira)

- *Na bibliografia optativa de uma disciplina, encontrei Racismo e sexismo na cultura brasileira (talvez essa tenha sido a minha “carta para o amanhã”) (Carta de Catarine);*
- *“Nós acreditamos em você. Acreditamos porque você é uma parte do que somos, do que não fomos e do que queremos ser” (Carta de Luiz Oliveira).*

Isso exposto, de certa forma, as cartas do Grupo 1, de autoria majoritariamente de jovens mulheres estudantes universitárias da UnB, entrariam no “grande tempo” e teriam marcadores de “vigilância comemorativa”² quando fossem lidas e respondidas pelas estudantes do Ensino Médio autoras de cartas do Grupo 2? É a pergunta de pesquisa em torno da qual refletiremos no decorrer do capítulo.

O contexto de produção do Grupo 1 (cartas originais das estudantes universitárias) e do Grupo 2 (cartas resposta das estudantes do Ensino Médio)

A Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira universidade federal do país a considerar as ações afirmativas para ingresso de negros e indígenas, elevando seu patamar de inclusão e promovendo um futuro promissor tanto para a educação quanto para a construção de uma sociedade antirracista. O espaço acadêmico passou a ser preenchido por uma maior diversidade étnico-racial, constituindo-se como um lugar mais acolhedor e plural. Apesar dos avanços, ainda é necessário implementar mais políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades para a população negra no Brasil, especialmente na capital do país e no Distrito Federal, campo do estudo aqui apresentado.

² Pierre Nora (1993, p. 13) expõe o conceito de vigilância comemorativa ao falar da função dos lugares memória: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notar atos, porque essas operações não são naturais” (1993, p. 13). Sem vigilância comemorativa, afirma Nora, a história varreria rapidamente esses lugares de memória.

Trabalharemos com dois conjuntos de cartas: as cartas originais (Grupo 1, de cartas escritas por estudantes da UnB) e as cartas resposta (Grupo 2, de cartas escritas por estudantes de Ensino Médio do Recanto das Emas, DF, como cartas resposta ao Grupo 1, de cartas originais). O nascedouro deste estudo empírico é o projeto da UnB intitulado *Cartas para o Amanhã – Vigilância Comemorativa*, Lélia Gonzalez (do qual participam as autoras e autores das cartas originais, Grupo 1 de cartas).

Na descrição das etapas de pesquisa, no decorrer do capítulo, incluiremos alguns dos mapas mentais/cartas resposta e descrição do podcast criado por alunas do Ensino Médio (autoras das cartas resposta do Grupo 2 de cartas) que aspiram ingressar na Universidade de Brasília. Elas tiveram acesso às 18 cartas disponíveis no site do projeto *Cartas para o Amanhã* (Grupo 1 de cartas originais) e elaboraram uma resposta para cada uma das 18 cartas originais (o que resultou no Grupo 2 de cartas resposta), atividade essa desenvolvida no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso (Aguiar, 2025), como pesquisa integrada ao *Cartas para o Amanhã*.

Cada estudante do Grupo 2 escolheu uma carta já existente no *Cartas para o Amanhã*, Grupo 1 de cartas, e produziu mapas mentais/cartas resposta inspirados nas cartas originais. Tal ação fez parte da construção de um plano de aula do Projeto de Vida do Novo Ensino Médio na Escola de Ensino Médio 804 do Recanto das Emas, DF. Nossa pesquisa propõe-se a dialogar com o papel da carta enquanto gênero textual nos processos de ensino-aprendizagem também (Santos *et al.*, 2018), assim como as múltiplas potencialidades do gênero carta (Seara, 2006).

Feminismo negro e as narrativas por meio de cartas

Em nossos estudos sobre feminismo negro, em especial nos estudos que temos feito sobre o papel de Lélia Gonzalez como referência para jornalistas negras brasileiras (Moura, 2020; 2024), duas conclusões saltam

aos olhos: a presença do conceito de vigilância comemorativa (Nora, 1993), por um lado, e a constatação do gênero ‘carta’ como uma especificidade que demarca o feminismo negro (cartas públicas; cartas também que são transformadas em crônicas, romances; cartas que percorrem gerações inclusive cartas remetidas aos antepassados – cartas aos avós – tanto quanto cartas remetidas às futuras gerações – filhas, filhos, netas, netos, etc.). Essa constatação da carta como um documento que caracteriza o movimento de mulheres negras, e o feminismo negro tem uma potência de oralidade e de historicidade que muito nos dirigiu a criar o projeto *Cartas para o Amanhã*, como exporemos adiante.

Na literatura internacional, temos uma belíssima obra, *Cartas a uma Negra*, da autora antilhana Françoise Ega (2001). Publicada postumamente, é uma coletânea das cartas de Françoise dirigidas à escritora brasileira Carolina de Jesus, que tampouco chegou a lê-las. Françoise escrevia para Carolina como se fossem cartas em forma de diário e comparava sua vida de mulher negra imigrante com a vida de mulher negra de Carolina. A distância – e mesmo o fato de as cartas não terem chegado à destinatária Carolina – não impediu que uma relação dialógica se estabelecesse entre ambas e, na perspectiva aqui proposta, vemos a obra de Françoise também como uma dessas obras que demarcam a carta como um gênero presente no feminismo negro, obra reconhecida como referência por diversos estudos a exemplo de Oliveira e Almeida (2023).

A “carta aberta” – o que seria entendido na atualidade como carta pública –, segundo Dórea (2012), faz parte da história do gênero textual carta. No âmbito desse mesmo fenômeno da carta aberta, e também da carta que demarca o feminismo negro, temos a obra *Irmã Outsider*, de autoria da autora negra estadunidense, a feminista Audre Lorde (2019), na qual a autora publica as cartas cuja destinatária é a psicanalista de Audre, ela mesma também uma mulher negra.

E é exatamente a partir desses dois importantes resultados da pesquisa de campo sobre jornalistas negras brasileiras (a constatação da vigilância comemorativa como uma prática do feminismo negro e as cartas como um gênero presente na dinâmica do feminismo negro) que temos o nascedouro do projeto *Cartas para o Amanhã*. Era o ano de 2021 – vivenciávamos a pandemia covid-19. Nesse contexto, para celebrar os 60 anos de criação da UnB, celebrados no ano de 2022, a instituição abriu editais para promoção da efeméride. E, neste sentido, a autora principal do presente capítulo idealizou o referido projeto e mobilizou a comunidade acadêmica, especialmente estudantes, para a criação do *Cartas para o Amanhã – Vigilância Comemorativa*, Lélia Gonzalez.

A essência do projeto é promover a escritura de cartas para as futuras jovens negras, indígenas, quilombolas e africanas que vierem a ser estudantes da UnB nos próximos 60 anos da UnB, a contar a partir de 2023. Desde então, a autora principal do capítulo e coordenadora da proposta tem trabalhado com diversos grupos de estudantes em torno do projeto, alguns em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), em disciplinas, oficinas de produção de cartas e também na produção de podcasts.

No decorrer do capítulo, apresentaremos como deu-se a resposta de estudantes da disciplina *Projeto de Vida* (Grupo 2, cartas resposta) a 18 das cartas do *Cartas para o Amanhã* (Grupo 1, cartas originais). A disciplina *Projeto de Vida* é prevista pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Novo Ensino Médio. A atividade de resposta às cartas foi desenvolvida pelas estudantes do Centro de Ensino Médio 804 do Recanto das Emas, Distrito Federal (DF).

O Projeto de Vida no Novo Ensino Médio

A Política Nacional do Ensino Médio foi instituída pela Lei nº 14.945/2024 e propôs novas diretrizes assim como novas bases para o

sistema educacional brasileiro. O *Projeto de Vida* decorre da legislação anterior, no que diz respeito aos propósitos do Ensino Médio em propiciar uma formação integral dos e das estudantes:

A Lei nº 13.415/2017 estabelece que “os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu **Projeto de Vida** e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais (Brasil, 2017).

Foi nesse contexto de implementação do Novo Ensino Médio, tendo o recurso curricular do *Projeto de Vida* que realizamos as etapas de pesquisa aplicada ao propiciarmos condições objetivas para que as autoras do Grupo 2 das cartas resposta materializassem uma prática dialógica com as autoras das cartas do Grupo 1 das cartas originais, e, potencialmente, insiram tais cartas no grande tempo do Círculo Bakhtiniano, ao atribuírem novos sentidos às cartas do Grupo 1.

Iniciativa e pesquisa com mulheres negras e com o Cartas para o Amanhã

No site do *Cartas para o Amanhã* estão disponíveis, nesse momento, 18 cartas, entregues para estudantes do Ensino Médio do Recanto das Emas, DF. O objetivo foi propiciar que as estudantes daquele estágio de formação, por meio das cartas do *Cartas para o Amanhã*, tivessem um contato com estudantes da UnB. E é nesse contexto que as cartas serviram como contexto para inspirar e guiar as e os estudantes em direção ao sonho de entrar na Universidade de Brasília. As cartas do *Cartas para o Amanhã* foram sorteadas pelo professor e distribuídas para a turma.

Confecção dos Mapas Mentais e a arte de registrar afetos

Depois do sorteio, as estudantes fizeram a leitura crítica das cartas e, então, prosseguiram para a confecção de um mapa mental, como uma forma de resposta das estudantes do Ensino Médio à carta original de

autoria da comunidade acadêmica da UnB³. Três estudantes não conseguiram terminar a tempo para participar da etapa final do projeto. As outras concluíram o processo e enviaram seus trabalhos, que foram extremamente impactantes e com um valor agregado imenso para o projeto. A maioria utilizou o Canva como ferramenta para realizar a atividade, pois consideraram o método mais prático e acessível.

Após a confecção dos Mapas Mentais/Cartas de resposta, foi criado um site⁴ para o armazenamento dos trabalhos das estudantes, no desenvolvedor Wix, com o intuito de expandir a comunicação e o planejamento, tornando-se uma fonte de informação e busca por trocas durante o processo de produção e uma estratégia para ampliar o alcance do projeto.

Podcast como uma alternativa inclusiva e imersiva

Do projeto com as estudantes do Ensino Médio surgiu a ideia de elaborar um podcast, sendo mais uma etapa da pesquisa, a qual contou com a participação de professoras da rede pública de Ensino Médio do Distrito Federal. Todas já passaram ou tiveram contato com a regional do Recanto das Emas e têm um trabalho ou função relacionados ao Projeto de Vida. Foram convidadas professoras do Centro de Ensino Médio 804 do Recanto das Emas, DF, além de outras docentes. No total, participaram cinco professores de Português, duas professoras de Química, uma de Espanhol, uma de Inglês e uma de Artes.

O podcast foi desenvolvido em três episódios, vide Quadro 1, sendo a introdução narrada por Richardson Kennedy, coautor do presente

³ Das 18 cartas então disponíveis no Cartas para o Amanhã, 16 são de estudantes mulheres, uma de estudante homem e uma de um docente homem. Por isso, quando nos referimos às cartas do Grupo 1 as denominamos como 'majoritariamente escritas por mulheres' ou como 'cartas da comunidade acadêmica da UnB'.

⁴ <https://alvesbsk.wixsite.com/sociologia-e-projeto>.

capítulo, com gravações das professoras. O primeiro episódio tem como objetivo apresentar a iniciativa. O segundo, por sua vez, buscou mostrar a força e o impacto do diálogo entre as *Cartas para o Amanhã* e o Projeto de Vida do Ensino Médio. Por fim, o terceiro episódio do podcast teve um conceito antropológico, no qual o narrador conta que estava no aeroporto, indo para o Rio de Janeiro, local que foi tanto a morada quanto parte do processo educacional e de construção da trajetória de Lélia Gonzalez. Lélia inspirou várias mulheres negras, e sua obra está presente em diversos campos, meios de construção simbólica, universidades e processos seletivos. Cada vez mais, a autora amplia seu espaço como epistemologia negra, tornando-se uma referência para mulheres, especialmente para professoras, que são a maioria na rede pública e nas Licenciaturas.

Quadro 1 – Relações entre as Cartas do Grupo 1, Cartas do Grupo 2 e podcast

Nome do episódio	Quem escreveu a Carta-resposta	Professoras da Escola de Ensino Médio 804 Recanto das Emas que leram as Cartas resposta no podcast
Episódio 1 Cartas para o Amanhã e Hoje.	Mariana, Caterine, Fernanda, Mãe da Odara	Raissa Carvalho, Marina Lima, Camila Ieda e Cleomar Aparecida.
Episódio 2 Cartas para o Amanhã e o Futuro.	Sandra, Luana, Marina	Larissa Costa, Gabrielle Soares, Livia Cairus
Episódio 3 Cartas para o Amanhã e o Presente.	Beatriz, Talita Guerra, Fran Marinho, Sabrina	Isabella Alves, Daniella Marra, Flávia Cunha e Eliane Cardozo.

Fonte: Elaboração dos autores.

Mapas mentais com as cartas resposta (Grupo 1 e Grupo 2 de cartas)

Brasília, 19 de outubro de 2021

Querida aluna,

Escrevo de 2021 para contar uma história.

A primeira vez que tive contato com a Lélia González foi dentro da universidade, já com os meus 19 anos. Estava no 3º semestre de Publicidade, a um passo de desistir do curso. Até inscrição para um novo vestibular eu já tinha feito. Na bibliografia optativa de uma disciplina, encontrei Racismo e sexismo na cultura brasileira (talvez essa tenha sido a minha carta para o amanhã). Senti como se alguém segurasse a minha mão. Pois foi somente aí que **me toquei que muito do que eu sentia em relação à universidade outras mulheres negras como eu também sentiram/sentem/sentiriam** e que isso não respondia diretamente ao curso que eu estava fazendo, mesmo se o trocasse era provável que continuasse insatisfeita. [Grifos nossos]

Depois desse e de muitos outros textos pude perceber que eu não precisava necessariamente ir para o mercado publicitário (um alívio), era possível mulheres como eu ocuparem o meio acadêmico de maneira autêntica e era isso que eu queria fazer. Não sei se 40 anos depois, momento em que imagino que você estará lendo esta carta, os meus planos se mantiveram, mas sei que no momento em que escrevo estou prestes a terminar minha graduação. Eu não teria chegado aqui se não tivesse lido aquele texto.

Bom, o que eu quero dizer é: **você não está sozinha.** Eu não sei em que pé de auto descoberta você está, mas sei que mesmo dias difíceis demais fazem com que nos esqueçamos disso, mesmo pra quem está avançada nos processos. **Me encontro extremamente feliz por poder te trazer um recado do passado e de alguma forma também segurar sua mão pois, mesmo que ainda nem tenha nascido, hoje você segurou a minha mão.** [Grifos nossos]

Escrever para o futuro é uma das formas mais convictas de acreditar nele e, posso assegurar, atualmente esse não é um exercício fácil. Mas se escrevo é porque em algum lugar tenho esperança, uma esperança que me anima e me fortalece ao **vislumbrar um futuro cheio de nós, por aí, dentro das universidades, com voz ativa, exercendo seu direito de simplesmente estar.** A minha esperança que não vem do nada, **vem de tantas outras que, anos atrás, também tiveram em mim (em nós) e, talvez, só por causa delas** [Grifo no original]. Tenho esperança porque acredito em mim e em todas nós. [Demais grifos nossos]

Sigamos juntas,
Catarine

Figura 2 – Mapa Mental com a Carta do Grupo 2 de autoria de Sarah Araujo de Oliveira (estudante do Ensino Médio). Resposta para a Carta do Grupo 1 de autoria de Catarine (Estudante da UnB) (Figura 1)



Figura 3 – Carta de Maria Vidal

Brasília 29 de abril de 2022
Cartas para o amanhã,
Me inspiro em Lélia Gonzalez para lhe escrever, querido leitor.
Me inspiro em utopias que espero que sejam alcançadas e concretizadas quando essa carta for aberta e lida.
Escrevo para o amanhã que construo e sonho hoje.
Desejo que haja, nesse amanhã, mais aceitação, mais conscientização, mais encontros, mais quilombos. **MAIS POTÊNCIA NEGRA.**
Que saibamos, mais firme e juntos, contra-atacar tudo aquilo que nos ataca e nos desconecta de nós mesmos e dos nossos.
Que ocupemos, fazendo nosso carnaval, samba, batuque, pretitude, cargos que um dia foram tão inacessíveis de sonhar.
A você, leitor[a] de amanhã, que tenha muita ginga, alegria e a certeza que estávamos contigo há muito tempo. Desde antes.
Com carinho,
Maria Vidal

Fonte: <https://alvesbsk.wixsite.com/sociologia-e-projeto>

Figura 4 – Mapa Mental com a Carta do Grupo 2 de autoria de Kalyne Fantine da Silva Santos (estudante do Ensino Médio). Resposta para a Carta do Grupo 1 de autoria de Maria Vidal (Estudante da UnB) (Figura 3)



Fonte: <https://alvesbsk.wixsite.com/sociologia-e-projeto>

Figura 5 – Carta da Mãe de Odara

Brasília, 28 de outubro de 2021.

Carta para Odara

Filha, escrevo essa carta para você na expectativa de que ela lhe encontre bem, com saúde, alegria e caminhos abertos. Desejo que ao ler essas linhas você esteja dentro de si, se amando, se cuidando e se respeitando. Só assim, minha princesa, você poderá ser amada e respeitada como merece [Grifos nossos].

Mamãe demorou quatro décadas para entender isso. Há dois dias, completei 41 anos. E apenas agora compreendo a importância de me olhar no espelho e me admirar. Nem sempre consigo, mas agora ao menos dou conta de me olhar. Desde pequena, tinha a mania de espremer os olhos quando estava diante de mim mesma. Acho que não dava conta de me ver por inteira. Observava meu rosto por partes.

Espelho de corpo inteiro eu demorei muito a querer. Cheguei a ganhar um enorme, de madeira, presente de duas amigas muito queridas, mas dei um jeito de emprestar para um tio e ele nunca mais voltou para nossa casa. Até que encontrei um espelho com bordas douradas e deixei que ele ficasse no corredor.

Passava pelo espelho como quem corre de assombração. Mas aos poucos fui me achegando e me permitindo. Quando descobri que você crescia no meu ventre, por algum tempo ele se tornou meu principal companheiro. Era tempo da pandemia da covid-19. Você já deve ter ouvido muito sobre esses dias difíceis, pretinha. Seu pai e eu não morávamos juntos e por algumas semanas tivemos que ficar distanciados. Foi quando você deu seus primeiros sinais. Vi sua luz refletida no espelho dourado. E dele não quis mais me separar.

Hoje entendo que toda aquela luminosidade era tua, mas também era minha.

Uma luz que a mamãe alimentou por anos, em uma busca determinada para fugir das sombras de tantos maldizeres que o racismo ainda impunha para as meninas negras. Sim, filha, apesar de ser muito amada e cuidada pelos seus avós, a violência que nossas ancestrais vivenciaram continuava a me rondar [Grifos nossos].

Ela se fazia presente na escola, onde a mamãe por diversas vezes fui chamada de macaca, no salão de beleza, onde ainda criança passei horas intermináveis com o couro do cabelo em chamas, e nas ruas, onde ouvia gritos frequentes de “prende essa juba”, “volta pra senzala”, “rebola menos, senão a bunda cai”, “baixa esse nariz, sua metida, tá pensando que é quem?”.

Os racistas foram aos poucos me convencendo de que eu estava mais próxima de bicho do que gente. E assim me fizeram acreditar que eu precisava agradar a todos. Dizer sim, sim, sim e sim. Aceitei por muito tempo qualquer tipo de relação afetiva, mesmo quando de afetiva ela não tinha nada [Grifos nossos].

Quando conheci seu pai e no sorriso dele encontrei uma enorme paz, eu já tinha percorrido um longo caminho em direção a mim. Tinha encontrado o amor em seu irmão, nos estudos, no trabalho, no Terreiro e na **partilha com outras mulheres negras** [Grifos nossos].

Também compreendia melhor a caminhada dos meus pais e até mesmo as estratégias de sobrevivência escolhidas por eles. No espelho, via, enfim, **uma mulher negra amefricana**, amada por si e pelos seus, que encontrou no turbante a coroa perdida para a alopecia areata e para o racismo [Grifos nossos].

Essa, pretinha, certamente será apenas a primeira de muitas cartas pra você que, assim como seu irmão, é o meu amanhã mais bonito. Por vocês, legados de mim, hoje **eu busco construir** um mundo bem mais generoso e livre [Grifos nossos].

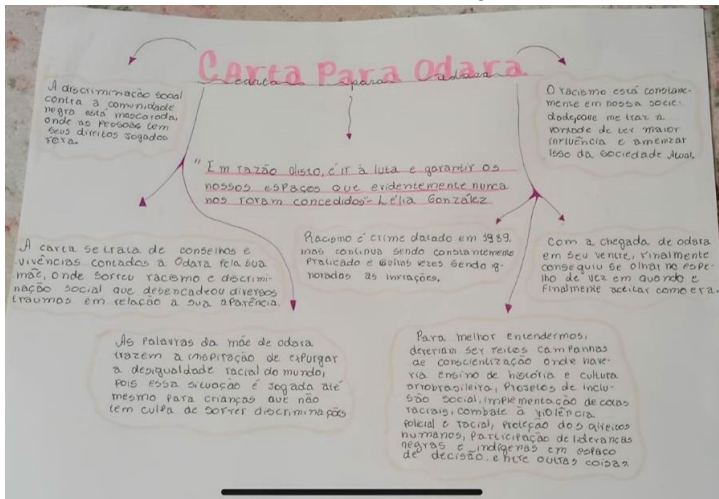
Poderia ter escolhido muitos assuntos para começar esse **diálogo pretérito-futuro**. O que não falta é prosa nesse momento quase pós-pandêmico. Na verdade, não sabemos como sair desse luto coletivo que nos assola. Por isso, decidi não falar desse pesadelo. Preferi te contar um pouco sobre o que me aterrorizou desde o berço. Na esperança de que com você tudo possa ser diferente [Grifos nossos].

Com amor infinito,

Sua mãe

Fonte: <https://cartasparaoamanha.wixsite.com/website/cartas-enviadas>

Figura 6 – Mapa Mental com a Carta do Grupo 2 de autoria de Juliana Jollye Santos de Oliveira (estudante do Ensino Médio). Resposta para a Carta do Grupo 1 de autoria de Mãe da Odara (estudante da UnB) (Figura 5)



Fonte: <https://alvesbsk.wixsite.com/sociologia-e-projeto>

Análise das produções criadas para o projeto

As Cartas do Grupo 1 são escritas na expectativa de uma leitora ou leitor futuro, em um futuro dos próximos 60 anos da UnB. Tais cartas dirigem-se à “Querida”, “Querida amiga”, “Querida aluna”, “Prezada aluna que chega em 2082” e termos afins. As Cartas do Grupo 2, ou seja, as cartas de resposta”, já se dirigem a destinatários precisos pois a autoria é conhecida, o que traz um assento maior de dialogia, como observamos nos trechos a seguir:

- *“Querida Catarine, escrevo desde 2025 para respondê-la”* (Carta Sarah Araújo de Oliveira);
- *“Luana, a minha vida, assim como a sua, mudou após a pandemia, alguns acreditam que voltamos à normalidade, mas a verdade é que nunca voltamos ao que éramos antes”* (Carta de Maria Luiza Araujo);
- *“Querida Fran Marinho, sua carta extremamente inspiradora me faz refletir no nosso atual ensino e como devemos lutar para ocupar nosso lugar na sociedade”* (Carta de Isabele Victoria);
- *“Luana, eu amei a sua carta, ela me ensinou ainda mais”* (Carta de Ana Letícia Neris Gonçalves);
- *[Sabrina] Esta carta me fez ter uma visão do quão é importante se encontrar em algum lugar, principalmente na universidade”* (Carta de Emily Vitória Cristino Ferreira);
- *“Querida Iara, sua carta me fez refletir bastante, eu que por muito tempo pensei que a UnB não fosse possível para mim e eu não conseguiria chegar lá por não ser capaz”* (Carta de Rísia Emylle Rocha Pereira);
- *“[Sabrina] Essa carta me fez brilhar os olhos ainda mais pela universidade”* (Tayana Moraes da Silva);
- *“A carta escrita por Beatriz Castro da Silva me traz reflexão sobre todas as coisas que já ocorreram nos corredores da Universidade de Brasília. As histórias, manifestos e de tudo que as gerações passadas lutaram par conquistar e que continuaremos conquistando pelas gerações futuras”*. (Carta de Andressa Ribeiro da Silva);

- “Querida Sandra, sua carta me tocou profundamente e me inspirou de maneiras que palavras não conseguem expressar completamente” (Carta de Ana Farias);
- “Prezada Maria Vidal, sua carta, com grande ênfase de esperança e ancestralidade me fez refletir bastante” (Carta de Kalyne Fantine);
- “[Mariana] A carta me leva a refletir sobre como a análise e a crítica das ações sociais podem ser facilitadas por meio da perspectiva de uma única pessoa” (Carta de Esther de Almeida Silva);
- “[Maria Vidal] Agradeço imensamente por sua mensagem de força e esperança. Que o amanhã que você sonha se concretize que possamos caminhar juntos rumo a ele” (Carta de J. Santiago).

Por fim, na última etapa da experiência empírica foram trabalhadas as finalidades dos mapas mentais e do podcast. Sendo o Mapa Mental um grande método visual que vai funcionar como uma didática. O objetivo que se conseguiu dos três episódios do podcast foi que cada professora lesse uma carta do *Cartas Para o Amanhã*, e, após a leitura, realizasse uma gravação para o podcast dizendo como a carta conseguiu influenciar, a importância de registrar a voz é criar alternativas e conexões ao que foi apresentado no *Cartas para o Amanhã*. O podcast tem sido uma ferramenta fundamental nos currículos e na inserção do novo Ensino Médio e na sua implementação, sobretudo porque esse processo surge com a organização e a comunicação ativa dos agentes. Assim, a produção de podcast é um método na qual o/a estudante sente que faz parte do processo, elaborando e ajudando na construção do projeto e da aprendizagem.

O podcast estimulado pelo diálogo com o *Cartas para o Amanhã* foi inserido no site criado pelo projeto em conjunto com as professoras e as alunas, e comprovou-se como uma ótima ferramenta pedagógica que agora vai permitir realizar um novo percurso de organização e otimização, gerando uma comunicação eficiente e educativa. Um dos objetivos da educomunicação é a criação de uma comunicação acessível

e que busca chegar em todos os aspectos sociais e do aprender, criando um fenômeno organizacional e transparecendo em uma ferramenta de construção social. O Podcast chama-se *Cartas Para o Amanhã e Hoje*.

Outro fenômeno importante deu-se pelo envolvimento das e dos estudantes na produção e a potência das jovens do Ensino Médio de estarem atualizados frente às tendências e inovações tecnológicas. A turma participou ativamente da construção do podcast e gerou um método de elaboração de estratégias que otimizaram as realidades sociais e plurais. A criação desse modelo organizacional de comunicação e a transformação dele como um instrumento de se comunicar, traz à tona como cada vez mais a sociedade tem aderido ao formato de escuta ao áudio, lembrando o processo inicial da comunicação criado com o rádio e a televisão no século passado.

Considerações finais

A relação dialógica que se manifesta na permuta de cartas do Grupo 1 (Autoras e Autores estudantes e docente da UnB) e do Grupo 2 (Autoras da Escola de Ensino Médio) é uma experiência empírica que tem as marcas do dialogismo proposto pelo Círculo Bakhtiniano.

Os estudos sobre o gênero epistolar, especialmente os que recorrem ao suporte conceitual do Círculo Bakhtiniano, procuram avistar, principalmente, as relações dialógicas pressupostas nas cartas, ou seja, quando o/a enunciador/a redige a carta – e sempre o faz assim-imaginando um/a leitor/a destinatário/a. Essa leitora, esse leitor imaginado pode ser real ou não.

Os resultados da pesquisa demonstram que a carta é um gênero narrativo que sobrevive à era das mídias digitais, e que a mesma pode ser um recurso pedagógico, promover diálogo geracional e apontar a

construção de horizontes de futuro comuns para jovens do Ensino Médio, Universitários e também para outras faixas etárias.

Dito isso, na troca de cartas aqui relatada, sendo o primeiro grupo o das cartas escritas por estudantes da UnB no projeto *Cartas para o Amanhã*, e o segundo grupo relativo às cartas resposta escritas pelas estudantes de Ensino Médio da escola Recanto das Emas, percebemos, em síntese, que sim, por meio das respostas das Cartas do Grupo 2, as Cartas do Grupo 1 ingressam no grande tempo proposto pelo Círculo Bakhtiniano. E o fazem no momento que, passados uma média de três a quatro anos do envio das Cartas do Grupo 1 (entenda-se envio como a postagem no Blog *Cartas para o Amanhã*), o que ocorreu entre 2021 e 2022, as estudantes do Ensino Médio do Recanto das Emas, no ano de 2025, respondem tais cartas originais.

E ao respondê-las, como verificamos no transcorrer do capítulo, as estudantes do Ensino Médio mergulham no grande tempo, ocupando o papel tanto de destinatárias das Cartas do Grupo 1, quanto de, simultaneamente, missivistas das Cartas do Grupo 2.

E de que é feito esse grande tempo que une os dois conjuntos de cartas – Grupo 1 e Grupo 2? É feito de referências a Lélia Gonzalez e a outras feministas e autoras negras (em um tom geral que resumiríamos como “Lélia trouxe-nos até aqui”), portanto é feito também da tessitura da “vigilância comemorativa” (que resumiríamos como as narrativas do que assim como de quem não deve ser esquecido – as vitórias históricas com as ações afirmativas/cotas, as lideranças como Lélia Gonzalez, as ancestralidades).

Esse mergulho no grande tempo, que observamos no dialogismo entre as cartas da presente pesquisa empírica, é feito também das tensões conhecidas por todas e todos nós que enfrentamos o racismo histórico e cotidiano (Gonzalez, 2020), um grande tempo no qual o

racismo, desde a era colonial até o século XXI é uma constante que deve ser combatida. Por fim, esse grande tempo acionado pela relação dialógica dos dois grupos de cartas é feito também de amefricanidade enquanto estratégia de resistência (Gonzalez, 2021), de esperança e união (união no combate ao racismo, união na educação e nas políticas públicas como mecanismos de inclusão e de construção de um futuro comum redutor das desigualdades raciais e todas mazelas subsequentes).

Por fim, os autores destacam que, em um período de crescente dispersão da atenção (Carr, 2020), quando a atenção tem sido muito absorvida pelas telas, com a redução do aspecto dialógico das interações sociais, é um movimento de esperar freiriano (Freire, 2004) ter a dialogia manifesta via cartas do *Cartas para o Amanhã*, e/ou de outros projetos relevantes que apostam no gênero epistolar.

Referências

- AGUIAR, R. K. A. **Cartas para o Amanhã**: Um instrumento para a disciplina Projeto de Vida do Novo Médio (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2025.
- ANGELIDES, Sophia. **Carta e literatura**: Correspondência entre Tchêkhov e Górkki. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 6ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad.: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BORTOLINI, F.L.; VALÉRIO, P. da S. “Senhora presidente esta é uma carta pessoal” – As relações dialógicas emergentes de uma carta”. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 22, n. 2, 2021.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia de Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.415/2017**, de 16 de fevereiro de 2017.

- CARR, N. **The Shallows**: How the Internet is Changing the Way We Think, Read and Remember. London: Atlantic Books, 2010
- CUNHA, S. “Cartas aos leitores e leitoras”: o dialogismo interdiscursivo bakhtiniano na escrita epistolar freiriana. **Linha D’Água**. São Paulo, v. 37, n. 04, p. 250-274, out.-dez.2024.
- DELANOY, C.P. **O conceito de grande tempo e interpretação de discursos**. Linha D’Água, março, 2021.
- DÓREA, J. **Cartas de Eurico Alves**: fragmentos da cena modernista. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2012.
- EGA, F. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. São Paulo, SP: Todavia, 2021.
- FRANCISCO, M. Bakhtin e as primeiras cartas de “Carlos & Mário”: fronteiras e diálogos. **Revista Leitura**, v. 1, n. 55, jan/jun 2015, p. 163-180.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, F.; LIMA, M. (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.15, n. 1, 2021, p. 66-89.
- LORDE, A. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MACHADO, I. Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: A textualização dialógica. **Itinerários**. Araraquara, n. 12, pp 33-46, 1998.
- MOURA, D. O.; ALMEIDA, T. m. C. de. Ancestralidade, Interseccionalidade, Feminismo Afrolatinoamericano e Outras Memórias sobre Lélia Gonzalez. **Arquivos do CMD**, v. 8, p. 27-45, 2020
- MOURA, Dione. Nós, mulheres negras amefricanas, o 8 de Março e o legado de Lélia Gonzalez. **Correio Braziliense**, Brasília, DF, 11 mar. 2024. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/opiniaio/2024/03/6816370-nos-mulheres-negras-amefricanas-o-8-de-marco-e-o-legado-de-elia-gonzalez.html>. Acesso em: 14 ago. 2025.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

OLIVEIRA, L.E. da S. R. de; ALMEIDA, L. de S. A identidade narrativa em Cartas a uma Negra, de Françoise Ega, e Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 45, e65182, 2023.

SANTOS, E. e S.; BARBOSA, G.M.O.; BRITO, R. CARNEIRO, Z. de O. N.; LACERDA, M. F. de O. Gênero textual carta e ensino: considerações sobre a tradição epistolar. **Revista A Cor das Letras**, v. 19, n.3, p 189-200, 2018.

SEARA, I. M. L.de R. **Da epístola à mensagem eletrônica**: metamorfoses das rotinas verbais. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Aberta, Lisboa, 2006.

